

## A FISSURA DOS CÓDIGOS: LITERATURA E CIBERATIVISMO

Rafaela Scardino

Em seu romance *El delirio de Turing*, o escritor boliviano Edmundo Paz Soldán trata de questões caras à contemporaneidade, como os usos propositivos dos novos meios de comunicação, especialmente a internet. O ciberativismo, forma de manifestação social cada vez mais frequente, que tem conseguido instaurar proposições através da mobilização de cidadãos pela rede é um dos principais temas desse romance que nos deixa ver uma Bolívia muito distante da imagem agrária que nos acostumamos a ver na grande mídia. Neste livro, Miguel Sáenz, chamado de Turing por seus companheiros de trabalho, é um criptoanalista que trabalha numa instituição chamada Câmara Negra, responsável por interceptar e decifrar mensagens potencialmente subversivas. Inicia seu trabalho durante a sangrenta ditadura de Montenegro, quem, quando o encontramos no romance, voltou ao poder por via eleitoral.

El retorno de la democracia a principio de los ochenta no desarticuló la labor que se llevaba a cabo en el edificio, pero la minimizó: se trataba de interceptar conversaciones de sindicalistas al principio, y de narcotraficantes después [...]. Los noventa fueron años de espasmódica labor escuchando a los políticos opositores y turbios empresarios con los teléfonos pinchados. // Cuando Montenegro regresó al poder por la vía democrática te alegraste: se te ocurrió que todo cambiaría con él, y volvería la urgencia a tu labor. Qué decepción: lo cierto era que no había un gran peligro a la seguridad nacional como en los años de su dictadura (PAZ SOLDÁN, 2003, p. 15).

Uma das questões mais importantes do romance diz respeito às responsabilidades, especialmente as responsabilidades para com o tempo presente. Encontramos uma Bolívia sacudida por manifestações populares, com grande parte da população revoltada contra o modelo neoliberal que se instalou no país no final do século XX. Mas, às manifestações tradicionais, lideradas por sindicatos e lideranças populares, junta-se o ciberativismo levado a cabo pelos jovens que organizam o movimento denominado Resistência, responsável por uma série de ataques a sites do governo e cuja desintegração é o principal objetivo da Câmara Negra.

O personagem referido no título do romance, no entanto, poderia ser considerado um exemplo daqueles que deixam de se questionar sobre o presente e sobre a responsabilidade de suas ações. Apresenta, especialmente em relação a seu trabalho, um tipo de conexão que se furta ao pensamento político:

Has servido, sin favoritismos, a dictadores blandos y crueles, a presidentes demócratas respetuosos de la ley y a otros muy dispuestos a quebrar, de la manera que fuera, el espinazo de los sindicatos y la oposición. Para hacerlo, te has concentrado obsesivamente en tu trabajo, sin preguntarte por las consecuencias. Para ti, el gobierno es una gran abstracción, una enorme maquinaria desprovista de rostro. Cumples con las órdenes sin cuestionarlas: tus principios son los del gobierno de turno (PAZ SOLDÁN, 2003, p. 96).

Com a chegada do novo século, o trabalho da Câmara Negra volta-se para o combate às atividades de hackers e ao cibercrime, e contrata para seu posto mais alto um funcionário da NSA (NationalSecurityAgency) de ascendência boliviana. Apesar de escrito em 2003, o romance parece dialogar diretamente com o que vem ocorrendo dez anos depois, com as condenações de Edward Snowden, também um antigo colaborador da NSA, condenado por revelar informações do programa de vigilância eletrônica levado a cabo pelo governo dos EUA; Chelsea Manning, ex-integrante do exército norte-americano condenada a 35 anos de prisão por distribuir informações sigilosas sobre a guerra do Iraque ao WikiLeaks; além do principal porta-voz do WikiLeaks, Julian Assange, asilado na embaixada do Equador em Londres desde 2012.

A preocupação com a segurança na internet parece tomar conta da cidade, que deixa de se preocupar com as reivindicações dos manifestantes que enchem as ruas. Em conversa com Turing, um de seus vizinhos diz que lhe preocupam mais os ataques a computadores que as manifestações e bloqueios nas ruas, pois com isso já está acostumado. Turing, por sua vez,

No sabes mucho de política, y no quisieras meterte a analizar las múltiples aristas del conflicto; lo único que sabes es que el país está como está por una falta escandalosa de obediencia al principio de autoridad(PAZ SOLDÁN, 2003, p. 301).

Sobre as manifestações, busca ignorá-las, ainda que, como afirma o narrador, no país em que havia nascido, isso fosse impossível:

De regreso a la Cámara Negra, descubres que la policía ha logrado despejar algunas calles. Con un chicle de mentol en la boca, observas en varias intersecciones llantas y maderas ardiendo en un fuego parpadeante: el paisaje de confrontaciones que te había

tocado desde la infancia, en un país en el que tus conciudadanos se resistían a aceptar los dictados provenientes de arriba. A veces, los años discurrían lánguidos, perezosos, sin asomo de movimiento en la corteza terrestre; pero esa paz no era más que un paréntesis entre sacudidas, y sólo era cuestión de esperar con paciencia hasta la llegada del nuevo temblor. El epicentro variaba: las minas, las universidades estatales; el trópico cochabambino; el altiplano paceño; las ciudades. Los motivos variaban: protestas contra un golpe de Estado; el salario mínimo vital; el alza en el costo de la gasolina y los productos de primera necesidad; la represión militar; los planes de erradicar los cultivos de coca; la dependencia de los Estados Unidos; la recesión; la globalización. Lo que permanecía invariable era la existencia de un punto neurálgico de discordia, varias razones para la protesta. Lo sabías, porque por más que hicieras un esfuerzo, era imposible aislarse del todo, dedicarte a tu trabajo y olvidar la coyuntura. No del todo, jamás en el territorio que te había tocado en suerte. Pero había que intentarlo. Ser impermeable al entorno era la única manera de sobrevivir, de no ser arrastrado por el vendaval del presente (PAZ SOLDÁN, 2003, p. 211).

O modelo econômico-político neoliberal foi implantado na Bolívia a partir do início dos anos oitenta, no rastro da enorme dívida externa adquirida pela ditadura de Hugo Banzer, fato similar ao que ocorreu em outros países da América do Sul assolados por ditaduras apoiadas pelo governo dos Estados Unidos. O neoliberalismo, como sabemos, faz a apologia do livre-mercado, da competição desregulamentada e de uma retração do Estado que, segundo Bauman, incorre numa ausência total de questionamento, numa "submissão ao que é visto como a lógica implacável e irreversível da realidade social" (BAUMAN, 2000, p. 132). Assim, Turing é um autêntico filho do sistema neoliberal, que não se coloca a possibilidade de pensar politicamente, apenas lamentando um mundo em que a autoridade incontestada lhe proporcionasse um direcionamento. A opção (governamental) pelo modelo neoliberal implica, para os cidadãos comuns, a redução (deliberada) da proteção do Estado. O que busca Turing não é a proteção de um Estado de direito que garanta condições de vida para sua população, mas sim uma relação de autoridade paternalista que suplante a que tinha com seu antigo mentor, Albert, o criador da Câmara Negra, quem lhe ensinou tudo o que sabe sobre criptografia e se encontra inconsciente, à beira da morte. No entanto, Turing sente-se frustrado em relação a suas memórias de Albert ao descobrir que este último o usou para justificar ações ilegais e violentas da ditadura de Montenegro. Em meio aos protestos que envolvem todo o país contra a privatização do fornecimento de energia elétrica para a multinacional Globalux (que lembra a privatização do fornecimento da água na Bolívia, em 2000), o atual presidente da Câmara Negra descobre que a criação de um centro de criptoanálise não passou de uma estratégia do

governo ditatorial para, através da suposta interceptação e deciframento de mensagens de grupos de oposição ao governo, exterminar toda e qualquer forma de oposição. As mensagens decifradas por Turing, portanto, não passaram de criações de Albert junto a setores duros do governo, incriminando alvos já determinados. Sem uma forma paternalista de autoridade à qual recorrer (não apenas Albert, mas Montenegro também se encontra enfraquecido tanto política quanto fisicamente, com câncer), Turing dá voltas pela cidade, sem saber o que fazer. Encontra-se com sua amante, decide buscar uma igreja (uma das principais faces da autoridade paternalista contemporânea), volta à Câmara Negra, vai para casa. No fim, aceita que teve responsabilidade nas mortes derivadas dos códigos que decifrou, apenas para justificar que cumpria ordens. Mas que, "más allá de asumir tu responsabilidad, no puedes hacer nada"(PAZ SOLDÁN, 2003, 302).

O que vem abalar a tranquilidade de Sáenz é o recebimento de um e-mail, cifrado, em sua caixa de correspondência privada, à qual só têm acesso seus colegas da Câmara Negra. A mensagem diz "ASESINOTIENELASMANOSMANCHADASDESANGRE" e é um recado do grupo ciberativista Resistência, composto por hackers liderados por um jovem conhecido apenas como Kandinsky. O e-mail recebido por Sáenz é definido pelo hacker que o enviou como "ciberescrache", numa referência aos escraches públicos, criados por jovens argentinos como uma forma de não deixar impunes, ainda que simbolicamente, torturadores não condenados pela justiça comum.

Na esteira da crise econômica desencadeada em 2008, jovens espanhóis aderiram ao escrache cibernético como forma não apenas de constranger políticos a quem se responsabilizava pela crise, mas também como forma de pressioná-los para que votassem por medidas de bem-estar social, especialmente através das manifestações organizadas pela Plataforma de Afectados por la Hipoteca. A utilização da internet para fins de mobilização e modificação social pode ser considerada um exercício de ciberpolítica, como dissemos anteriormente: a instauração simbólica de espaços virtuais que propiciem a constituição de sujeitos, em especial sujeitos cujos discursos dissonantes façam-se ouvir. Assim, ao fazer da internet um lugar, abre-se espaço para manifestações de vozes dissidentes que poderiam (e deveriam, segundo a lógica do poder) ser abafadas por um discurso que não se propusesse a olhar o mundo de viés. E tal prática se dá, também, através das inscrições e marcas de sujeitos ou grupos de resistentes, como um "grafite virtual". Retomando o romance de Paz Soldán, tal prática é levada a cabo pelo personagem Kandinsky no início de suas ações de hackativismo. É justamente com uma inscrição cibernética que o personagem marca o surgimento de uma resposta, através de ações na internet, às práticas neoliberais bolivianas:

Al rato, la emoción todavía en su piel, Kandinsky volverá a ingresar al sitio del Citibank en la red. Esta vez no robará números de tarjetas de crédito; destruirá la página de bienvenida a los clientes, y la reemplazará por una foto de Karl Marx y un graffiti

proclamando la necesidad de la resistencia. // Es el nacimiento del ciberhacktivismo de Kandinsky (PAZ SOLDÁN, 2003, p. 122).

Outra importante forma de ciberativismo que vem ganhando relevo é a que ocorre através das redes sociais. Podemos destacar sua importância nas manifestações que vêm ocorrendo desde 2011, começando com a grande mobilização de protestantes na Tunísia após o suicídio por imolação de Mohamed Bouazizi. Após o levante na Tunísia, manifestações tomaram os países do mundo árabe, espalharam-se pela Europa e chegaram à América. Essa movimentação foi acompanhada e incentivada de perto pelos usuários de redes sociais como Facebook e Twitter. O ciberativismo desempenhou um papel importante nesses movimentos, sendo a internet mais um dos espaços públicos ocupados na busca pela escuta de suas diversas demandas, que muitas vezes foram expressas majoritariamente como um repúdio à organização dos poderes, tanto locais quanto mundiais. Um grande marco na utilização da internet como ferramenta dos protestos foi a reação dos islandeses à crise que atingiu o país em 2008. Com uma das rendas per capita mais altas do planeta e mais de 90% de sua população conectada à internet, a população utilizou a rede não apenas para organizar os protestos, mas também para pressionar os políticos em favor da redação de uma nova constituição. Após eleições em que os partidos tradicionais tiveram grandes derrotas, o novo governo criou uma Assembleia Constituinte aberta a todos os cidadãos do país. Os vinte e cinco eleitos buscaram sugestões da população através da internet e, também utilizando a rede, submeteram a primeira versão do texto à população. A nova constituição da Islândia foi chamada de wikiconstituição, em referência à Wikipédia, enciclopédia digital construída em grande parte por voluntários, cujos artigos são de edição aberta.

A partir das imagens e informações difundidas através de telefones celulares e pela internet, que chega a constituir canais de mídia alternativa, as manifestações extrapolam as localidades, tornam-se movimentos globalizados, atingindo, às vezes, diversos países: as manifestações de 2013 no Brasil, por exemplo, foram apoiadas por pessoas em diversos países; os "ocupas" de Wall Street inspiraram movimentos por todo o mundo. Em Eldelirio de Turing, uma questão que se colocam a todo momento os personagens de classe média é: "o que querem os manifestantes? Quais são suas propostas?". Também nas manifestações que incendeiam os primeiros anos desta década as perguntas se repetem. O repúdio à divisão da riqueza, à organização partidária ou mesmo à forma como se configura a democracia representativa no ocidente é uma importante marca desses eventos. Essas lutas não indicam, ainda, saídas políticas, mas apontam, sim, para um desejo de não aderência ao presente, de deslocamento em relação ao estado dado de coisas. Sobre a tão acusada falta de

propostas desses movimentos — formados majoritariamente por jovens, vale destacar —, é pertinente o que escreveu Slavoj Žižek a respeito do Occupy Wall Street:

é assim que o início deve ser, com um gesto formal de rejeição, mais importante do que um conteúdo positivo — somente um gesto assim abre espaço para um conteúdo novo. Portanto, não devemos ficar aterrorizados pela eterna questão: “Mas o que eles querem?”. (...) [E] a questão “O que você quer?” procura exatamente impedir a resposta verdadeira. Seu ponto é “Fale nos meus termos ou se cale!” (ŽIŽEK, 2012, p. 23).

Quem afirma “fale nos meus termos” é aquele que está no centro (do poder, da cultura, da língua) e coloca-se também em posição de legitimador de práticas e discursos. Os manifestantes que se negam a falar nos termos do poder estabelecido recusam-se a jogar um jogo em que já foram decididas posições e ganhadores. Ao negarem um discurso dito “coerente”, em que um líder falaria em nome da multidão, recusam uma forma de representatividade que é justamente aquela que exigem que seja reformulada, a (suposta) representatividade das democracias de direito. Negam-se a participar de um jogo positivo de identidades que delas se serve apenas para a criminalização. Temos visto, no caso brasileiro, a sistemática criminalização de manifestantes e de midiativistas que denunciam os abusos cometidos pelo poder policial. Grupos como os Black Blocs, que, recusando-se a mostrar o rosto, recusam-se à apropriação de sua imagem para a localização (de ordem punitiva) da insatisfação de muitos na “persona civil” de uns poucos mais aguerridos.

A recusa a falar nos termos do poder é a afirmação de que é possível a negociação, desde que construa um espaço do comum — não por acaso as manifestações de 2013, no Brasil, tiveram início na reivindicação ao transporte público, ou seja, no direito à circulação pela cidade. A recusa dos manifestantes ao rosto, como a que faz o subcomandante zapatista Marcos, é a escolha por muitos rostos, por um corpo que não se deixa docilizar no enquadramento de uma foto de documento de identidade. O poder governamental/policial não quer apagar a evidência de que esses corpos existem, mas sim nomeá-los numa individualização da insatisfação que poderia repercutir, midiaticamente, como a insatisfação de uns poucos, e não um descontentamento, mesmo que não delimitado, de amplos setores, que não podem resumir-se a concepções de classe ou movimentos.

Esse gesto de rejeição é, também, uma proposta de luta. Quando cidadãos tomam para si o direito de reivindicar outras formas de vida, ainda que tal reivindicação se dê através do repúdio ao que se encontra à disposição, estamos diante de um ato propositivo, criativo. Aprendemos, das muitas manifestações que vêm ocorrendo desde 2011, que é preciso (re)politizar o espaço público, através dos corpos. Mas também politizar todos os espaços de discussão possível, como a internet. É preciso deslocar

seus usos, como o fazem os hackers, cujas ações são, muitas vezes, chamadas pelo poder de "terroristas", ou seja, ações que atingem justamente esses centros de poder. Um exemplo bastante conhecido de tais ações foi o ataque do grupo de hackers Anonymous a diversos sites do governo norte-americano e de grandes empresas internacionais como forma de retaliação à proposta de legislação contra o compartilhamento de dados online, denominado SOPA (Stop Online Piracy Act). As ações do grupo Anonymous e de outros hackers, como o ciberativista Aaron Swartz, morto em 2013 enfrentando uma provável condenação por violação de direitos autorais na internet, desafiaram o poder, estabelecendo novas possibilidades de luta.

A comunidade hacker criou-se praticamente junto com a internet, através de uma proposta de colaboração em projetos de autoria coletiva e, na maioria das vezes, de código aberto e livre distribuição, como o conhecido sistema operacional Linux. Sobre as possibilidades do chamado hackativismo, Manuel Castells escreve:

a vulnerabilidade tecnológica da internet permite, em expressões de protesto individuais ou coletivas, a interferência em websites das redes eletrônicas de agências do governo ou de empresas, visados como representativos de opressão ou exploração. Esse é o caso dos "protestos hackerativistas", que variam da sabotagem individual à invasão dos websites restritos de agências militares ou de companhias financeiras para patentear sua insegurança e protestar contra seus objetivos (CASTELLS, 2003, p. 115).

O personagem Kandinsky de O delírio de Turing é um hackativista, líder do grupo Resistência, apoiado pelas lideranças tradicionais dos movimentos sociais, representados, principalmente, pelo grupo denominado Coalizão. Vindo de uma família pobre, Kandinsky decide utilizar seus conhecimentos de informática para lutar por uma Bolívia mais justa, inspirando-se no uso da internet que fazem movimentos como o EZLN: "Había que reapoderarse de espacio virtual, y no sólo de éste sino que también de espacio real. Había un Estado, había corporaciones contra las cuales se debía luchar" (PAZ SOLDÁN, 2003, p. 122).

No se olvida de las protestas de Seattle en noviembre del 99: le han hecho ver que nos está solo, que hay un descontento generalizado ante el nuevo orden mundial. Si los jóvenes de los países más prósperos era capaces de explotar de la forma en que hicieron en Seattle, no era imposible pensar que una explosión más devastadora podía ocurrir en una región con la pobreza y los contrastes de América Latina. Río Fugitivo debía convertirse en la Seattle de Bolivia y del continente. La labor de Kandinsky, junto a

unos cuantos activistas, sería a de lograr que el vendaval del descontento saliera a la superficie (PAZ SOLDÁN, 2003, p. 168).

Um dos principais alvos dos membros da Resistência, além de sites do Governo e da Globalux, é a Câmara Negra. Como dissemos anteriormente, utilizam o ciberescrache para trazer à memória de antigos colaboradores da ditadura suas responsabilidades nos crimes cometidos, mas atuam também apagando o sistema, impedindo o funcionamento do órgão. A jovem Flávia, contratada pela Câmara Negra para descobrir a identidade real de Kandinsky, tenta explicar aos empregados da Câmara Negra a ética hacker:

Los hackers están a favor del libre flujo de la información. Ingresan a los sistemas para abrir lo que nunca debía haberse cerrado, y luego comparten la información con todo el mundo. Un edificio como éste es, por naturaleza, su enemigo. Y alguien como ustedes lo opuesto a los que ellos representan. Les será imposible entenderlos (PAZ SOLDÁN, 2003, p. 203-204).

Assim, podemos dizer que a atuação não apenas de Kandinsky, mas da cultura hacker é uma atuação política, que desloca os usos esperados e determinados da internet, criando possibilidades de luta e de disseminação de conhecimento (ou seja, poder). Os hackers querem liberar e disseminar informação na rede, fissurar sistemas de manutenção da ordem das coisas e discursos, como o neoliberal, que buscam impedir o questionamento. Passam a existir, a partir de ações políticas como as citadas, possibilidades de traçar linhas de fuga e de luta, novas formas de habitar os espaços sociais, sejam eles reais ou virtuais.

## REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. *Em busca da política*. Trad. Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000, p. 132

CASTELLS, Manuel. *A galáxia da Internet: reflexões sobre a Internet, os negócios e a sociedade*. Trad. Maria Luiza Borges. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003,

PAZ SOLDÁN, Edmundo. *El delirio de Turing*. La Paz: Santillana, 2003

ŽIŽEK, Slavoj. "O violento silêncio de um novo começo". In: HARVEY, David et al. *Occupy: movimentos de protesto que tomaram as ruas*. Trad. João Alexandre Peschanski et al. São Paulo: Boitempo: Carta Maior, 2012.

---

<sup>i</sup> Montenegro é claramente uma referência a Hugo Banzer, que governou a Bolívia entre 1971 e 1978 através de uma ditadura iniciada por golpe de estado e apoiada pelos EUA e pelo Chile. Em 1997, Banzer volta ao poder, desta vez por eleições diretas.